

Cidades.



EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
 apiraja@redgazeta.com.br
 Tel.: 3321.8446
 agazeta.com.br/cidades
 gazetacidades



O crack é a segunda droga mais apreendida no Estado: 27% do que é recolhido das ruas

DOIS MILHÕES DE PEDRAS FORAM APREENDIDAS EM TRÊS ANOS

De 2006 a 2013 houve um aumento de 400% nas ocorrências

* Reportagem: **Vilmara Fernandes**
 fotos: **Carlos Alberto Silva**

Quase dois milhões de pedras de crack – o que equivale a duas toneladas – foram apreendidos em todo o Estado nos últimos três anos. De 2006 a 2013 houve um aumento de 400% nas ocorrências policiais envolvendo esse tipo de droga.

São números que mostram que o crescimento do crack, principalmente no interior, tem sido grande, como avalia o subsecretário de Estado da Segurança, Gustavo Debortoli. “Desde 1998, observamos avanço grande da comercialização e do vício do crack, que é rápido. Mas a polícia tem atuado de maneira muito forte”.

Realidade constatada por A GAZETA, e que vem sendo divulgada numa série de reportagens desde o último domingo. Foi levado em consideração o mapeamento do crack, realizado pela Confederação

Nacional dos Municípios, e que apontou 17 cidades com alto nível de risco decorrente do consumo de crack. Outra 32 estão em nível de risco médio.

APREENSÕES

O crack é a segunda droga mais apreendida no Estado, representando 27% do que é recolhido das ruas. “Já chegou ao patamar de 40%, mas vem reduzindo”, explica Debortoli. O primeiro lugar (57%) é de maconha, seguido de cocaína (17%) e outras drogas.

Na avaliação do subsecretário, não há uma relação direta entre o crescimento das apreensões e das ocorrências que envolvem o crack com os homicídios registrados nos municípios.

Ele destaca que o número de mortes violentas tem apresentado queda nos últimos cinco anos: “Este é

“

A tendência é de interiorização do crime é nacional. Antes tínhamos um interior agrícola e os aglomerados ficavam na capital, e isso não existe mais. A violência e o crime estão chegando a locais que antes não chegavam” O crack vai junto.

GUSTAVO DEBORTOLI
 SUBSECRETÁRIO DE
 ESTADO DA SEGURANÇA

um problema social, de saúde e também da polícia. Só poderá ser minorado e vencido com a união da sociedade, das polícias e do sistema de saúde.”

A legislação, acrescenta Debortoli, tem tornado confuso o trabalho da polícia, já que a posse e o uso de determinadas quantidades de droga são liberados, mas o tráfico não. “Há situações em que usuários são detidos diversas vezes, são liberados e cometem o crime reiteradamente”, diz.

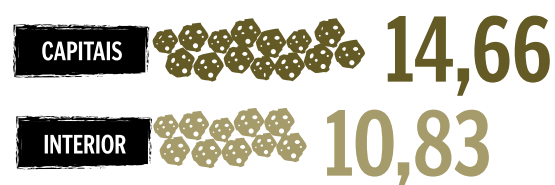
O traficante, explica ele, também mudou sua forma de operar. “Anda sempre com pouca quantidade de droga para que seja confundido com o usuário. A polícia tem que deter este cidadão diversas vezes, até configurar o crime de tráfico”.

Ele observa, ainda, que a interiorização do crime tem se mostrado uma característica de todo o Brasil e não apenas no Estado. É o resultado do aumento da

Tempo de uso do crack (médio)



Pedras fumadas por dia (média)



população do interior e de fatores sociais que ajudam a disseminar as drogas, como a ausência de emprego, de perspectivas para a juventude. “São pontos que têm que ser considerados nesta complexidade que é o combate ao crack e à cri-

minalidade no interior”, diz Debortoli.

Destaca, ainda, que a fiscalização das fronteiras, das estradas, aeroportos e portos é fundamental para evitar que o crack chegue ao Estado e atinja famílias capixabas.

PERFIL DO USUÁRIO: HOMEM, 30 ANOS, SEM EMPREGO E SEM CASA

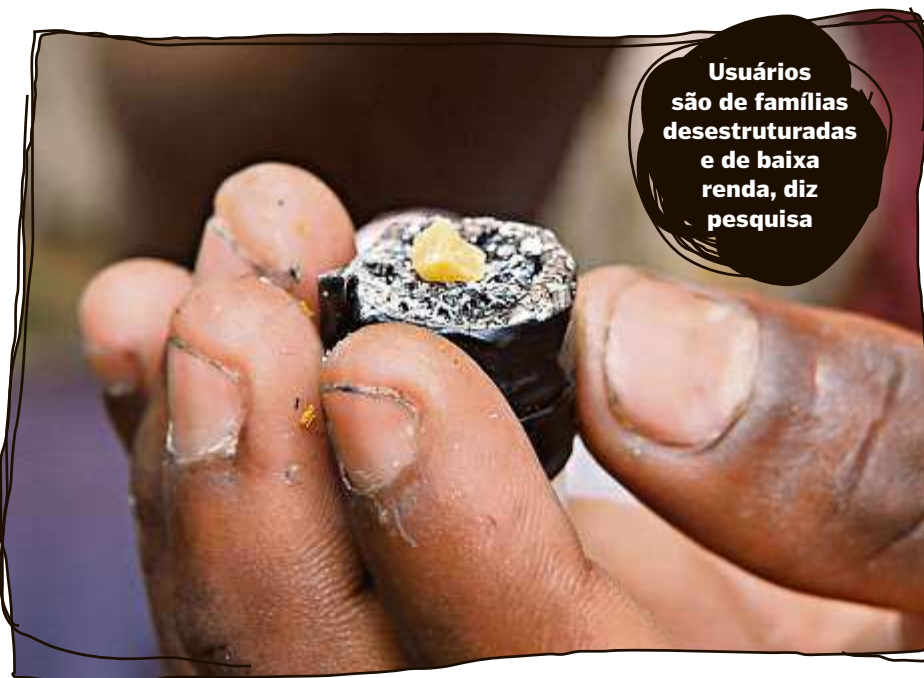
Maioria declarou, ainda, ser separado e possuir dois filhos

▄ Eles começaram a usar o crack entre 12 e 21 anos, e hoje estão na faixa dos 30. São homens (em sua maioria), não chegaram a completar o ensino fundamental, não têm ocupação regular e moram na rua. Esse é o perfil do usuário de crack feito a partir de um levantamento para uma dissertação de mestrado da faculdade Emescam.

Foram avaliados os prontuários de 22 pacientes que ficaram internados – entre março e abril deste ano – no Centro de Atenção Psicossocial (Caps) para Álcool e Drogas, da Capital. Cerca de 42% deles eram usuários de crack.

Os dados são um pouco diferentes do perfil nacional, que aponta para usuários mais jovens, com até 24 anos, segundo estudo recente da Fiocruz. “O que pode indicar que usuários mais velhos, que já usavam outras drogas e já estavam nas ruas, entraram mais tarde no crack”, observa Christiano de Oliveira Almeida, autora da pesquisa.

Um trabalho que emocionou Almeida, que é formado em Serviço Social, com várias especializações na área de prevenção para o uso de drogas e atua como analista de trânsito na Prefeitura da Capital. “São muitas his-



Usuários são de famílias desestruturadas e de baixa renda, diz pesquisa

tórias de perdas e de exclusão, que pontuam a vida de todos eles. Pessoas que nem a família quer mais”, explicou.

A maior parte dos usuários internados, segundo a pesquisa, declarou ser de cor parda, estar separado e possuir dois filhos. As drogas mais referidas como substâncias usadas antes do crack foram a nicotina, o álcool, a maconha e a cocaína.

Outro ponto importante é que eles estavam desempregados, eram provenientes de famílias desestruturadas e de baixa renda, e já tinham se envolvido em atividades ilegais e casos de prostituição.